

# **Princípios para um futuro sustentável da América Latina, em tempos de pandemia e crise planetária**

## **Introdução**

### **Os valores em jogo**

- A pandemia global do Coronavírus colocou o mundo diante da pior crise desde a Segunda Guerra Mundial. Expressamos nossa solidariedade perante a enorme perda de vidas humanas que vem ocorrendo em todos os países do mundo e, em especial, nossa preocupação pelo impacto na saúde e economia das populações e comunidades más vulneráveis.
- Valorizamos a resposta dos Estados em abordar a emergência sanitária colocando a ciência no centro das decisões políticas e promovendo programas de apoio econômico que protejam os mais vulneráveis.
- Esta pandemia é parte de uma crise sistêmica mais ampla que, junto com a crise climática e perda da biodiversidade, é resultante da forma em que a espécie humana tem interagido com a natureza.
- Estamos diante de uma emergência planetária que transcende fronteiras nacionais e expõe nossa vulnerabilidade e interdependência como parte da mesma comunidade global. Por isso, a resposta exige tanto em nível internacional como nacional uma profunda revisão do contrato social com base na cooperação, no fortalecimento dos princípios democráticos e no respeito aos limites da natureza.
- Apesar das diferenças políticas internas, a América Latina compartilha elementos culturais, linguagem, um patrimônio ancestral herdado das populações nativas e um capital natural que oferecem condições favoráveis para desenvolver uma estratégia regional de cooperação e superar com maior eficiência e eficácia os desafios presentes e futuros aos quais estarão expostos nossos países e sociedades.

### **As causas da COVID-19, o funcionamento sistêmico do planeta e seus limites**

Nos últimos 30 anos incrementamos exponencialmente nossa conectividade global, aumentando a exposição a riscos sistêmicos como evidencia esta pandemia e, no mesmo período, comprovamos a fragilidade dos nossos sistemas de governança. A institucionalidade democrática, republicana, ambiental e da saúde na maioria dos nossos países se encontra deteriorada, e não contamos com a infraestrutura mínima necessária para fazer frente aos desafios de um planeta com mais de 7.500 milhões de seres humanos estabelecidos principalmente nos centros urbanos, de costas aos ambientes rurais e naturais. A fragilidade institucional expõe ainda mais os setores vulneráveis, como as comunidades rurais e assentamentos urbanos precários.

A pandemia COVID-19 é de origem zoonótica, associada a vários fatores simultâneos, destacados reiteradamente pela comunidade científica como causadores prováveis de doenças, mortes e catástrofes regionais e globais:

- A perda do habitat natural de certas espécies de fauna que, diante da escassez de recursos, se aproximam das áreas povoadas.
- O consumo de espécies da fauna silvestre e sua comercialização.
- O aquecimento global que possibilita a migração de vetores de novas doenças.
- A baixa qualidade do entorno ambiental na maioria dos países do mundo.

A pandemia global chega em um momento no qual os nacionalismos se acirram e as populações deslocadas que migram escapando da guerra, da violência e da pobreza se multiplicam, à medida em que aumentam as barreiras de isolamento. A desconfiança nas instituições multilaterais e a ausência de líderes globais com disposição para cooperar apenas aprofundam a crise da saúde, colocando em risco a vida de milhões de habitantes.

Para além de tudo isso, o coronavírus revela a interdependência entre nações e ecossistemas e a fragilidade a qual a comunidade global está exposta. Muito provavelmente enfrentaremos novas pandemias até que possamos gerar sistemas de contenção capazes de preveni-las e que, neste caso, nos permitam responder de forma rápida e solidária como uma comunidade global interdependente.

### **As consequências para uma região frágil com alta vulnerabilidade e pouca capacidade de enfrentar e administrar crises sistêmicas**

Pelo seu caráter global similar a crises climáticas, esta crise sanitária confirma as profundas relações de inequidade existentes no mundo.

- Em geral, os países da região possuem sistemas de saúde que não contam com os equipamentos necessários para atender aos milhares de infectados pelo coronavírus.
- O acesso a água e a sistemas de saneamento é vital para sustentar práticas regulares de higiene. Na América Latina, região que possui um terço da água doce do mundo, 34 milhões de pessoas ainda não tem acesso a água potável e 15% da população ainda espera o acesso a serviços de saneamento básico, aumento a vulnerabilidade das comunidades más carentes (CEPAL, Relatório Regional, 2018)
- A região da América Latina e do Caribe é a mais urbanizada do planeta, com uma alta concentração da sua população de baixa renda vivendo em situações de superlotação, onde é inviável realizar o distanciamento social exigido pelas normas sanitárias de forma a prevenir o contágio e a propagação da COVID-19. Os países da região contam com uma população atual de 630 milhões de pessoas, o que representa 8,6% da população mundial. Mais de 80% dos seus habitantes estão em zonas urbanas, principalmente em megalópoles, que concentram mais de 30% da população de cada país (CEPAL, 2018).
- Na América Latina e Caribe, aproximadamente 50% dos trabalhadores, pelo menos 140 milhões de pessoas, trabalham em condições informais e sem redes de proteção social.
- O aumento substancial das migrações nas últimas décadas incrementou consideravelmente a população urbana que vive em condições de superlotação e informalidade, altamente vulnerável diante de crises sanitárias.

Pertencemos a sociedades com padrões de produção e consumo insustentáveis. A demanda irracional de recursos por parte de uma população crescente e a consequente geração de resíduos excedem a capacidade de carga do planeta. Em resumo, somos uma população que desconhece ou cuja qual parece não se importar com os limites do planeta.

### **As lições aprendidas**

1. Esta pandemia global expõe e alerta sobre o grau de deterioração ao qual temos levado o nosso planeta. Nos permite compreender a sua singularidade tanto como infraestrutura natural provedora de vida, bens e serviços, valorizar os seus limites e reconhecer a necessidade inadiável de respeitar o seu funcionamento sistêmico.
2. Diante da emergência, os governos têm promovido e adotado medidas direcionadas à resolução das questões sanitárias e econômicas fundamentais. Este simples fato demonstra que, quando existe vontade política, os Estados e a comunidade global são capazes de realizar mudanças estruturais.
3. A ciência se viu fortemente demandada na identificação, gestão e planejamento das possíveis soluções diante da emergência sanitária. Assim como ocorreu com o risco climático, lideranças científicas, políticas e sociais também anteciparam este risco e sugeriram o desenvolvimento de sistemas globais de ação rápida perante as ameaças à vida no planeta e nossa sobrevivência. A pandemia demonstra que administrar riscos ignorando a ciência possui implicações desastrosas e um alto custo econômico e social. Novas emergências globais anunciadas previamente e já comprováveis impõem o desenvolvimento de respostas igualmente globais e coordenadas.
4. O súbito fechamento das atividades econômicas, com a manutenção apenas daquelas consideradas “essenciais” para a saúde, de provisão de alimentos ou coleta de resíduos, revigoram a reflexão sobre o atual modelo de produção e consumo. É preciso revisar o modelo econômico baseado apenas no crescimento permanente do Produto Interno Bruto (PIB).
5. A pandemia COVID-19 nos obriga a aprofundar o debate e a valorizar as empresas e atividades econômicas projetadas com o objetivo de responder aos desafios sociais e ambientais da atualidade. Precisamos de novos modelos de negócios e novas formas de empreender. Otimizar o modelo econômico significa renovar o DNA das empresas para integrar objetivos ambientais e sociais em seus objetivos e atividades essenciais.
6. A capacidade de resiliência da natureza, se dermos uma oportunidade, possibilita a melhoria das condições ambientais nas cidades, especialmente a qualidade do ar, através da diminuição de poluentes climáticos de vida curta, causando um efeito positivo na saúde e na vida da população.
7. A crise de saúde, gerada pela COVID-19, está ocasionando a perda de centenas de milhares de vidas humanas e uma abrupta paralisação das atividades econômicas que sustentam a vida em nossos países. Essa disrupção oferece um aprendizado sobre outras ameaças sistêmicas enfatizadas pela ciência devido as mudanças climáticas, que colocam em risco a existência da espécie humana e da vida no planeta. Hoje, mais do que nunca, somos conscientes que a saúde do planeta também é a saúde de seus habitantes.
8. Apesar das condições de isolamento, a pandemia da COVID-19 evidenciou a existência de valores humanos fundamentais perante a adversidade e o sofrimento alheio, suscitando reações de solidariedade, entrega e agradecimento direcionadas às pessoas que nos cuidam.

## **Bases para um renascimento sustentável a partir da América Latina**

Precisamos direcionar o mundo a um novo “renascimento”, onde o planeta e seus limites sejam o marco inicial das nossas decisões políticas e econômicas para garantir a vida e o bem-estar da humanidade e da maravilhosa diversidade de organismos que a tornam possível e duradoura. Um novo “acordo pela natureza e pelas pessoas” que disponha sobre os compromissos dos Estados e outros atores em direção à um novo marco efetivo para reverter os processos de perda e degradação das condições naturais do planeta. A América Latina tem um papel, enormes potencialidades e uma responsabilidade singular na tarefa de reconexão com a natureza e o sistema da vida. A partir da nossa singularidade queremos enfatizar a necessidade de revisar significativamente a ordem natural e adotar o contrato social necessário para sustentar a paz, dignidade, integridade e a vida das pessoas com a promessa de um desenvolvimento sustentável e duradouro. Essa nova ordem social local, regional e global deve incluir os seguintes princípios:

1. **O conhecimento científico deve sustentar a tomada de decisões.** A ciência, como base do conhecimento para a gestão de riscos e ameaças globais, deve orientar a cooperação e decisões políticas, econômicas e ambientais. O investimento em pesquisa e desenvolvimento, tanto na prevenção desses riscos planetários, quanto nas soluções possíveis deve estar no centro das prioridades econômicas das instituições públicas e do setor privado.
2. **A solidariedade deve guiar a resposta perante as crises globais.** Para um renascimento sustentável, devemos reconhecer nossa interdependência, entre seres humanos e com a natureza, e promover a saúde do sistema Terra, baseado na solidariedade, cooperação e complementariedade entre nós.
3. **Avançar rumo à uma economia do bem-estar e não apenas do crescimento.** Para um renascimento sustentável, as decisões sobre “os planos de incentivo econômico” nas estratégias de saída da crise econômica gerada pela pandemia são decisivas. É preciso assegurar o fortalecimento da nossa capacidade de resiliência seja fortalecida, a restauração dos sistemas naturais e a aceleração da transição rumo à uma economia do bem-estar dentro dos limites planetários.
4. **Renovar os compromissos climáticos e da biodiversidade no marco dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).** Devemos reforçar o ciclo de ambição do Acordo de Paris, a reformulação das metas de Aichi através do Marco Global para a Biodiversidade pós-2020 do Convênio pela Diversidade Biológica e o cumprimento dos ODS como um compromisso central até 2030. O adiamento de ambas as Conferências das Partes e a reformulação das metas não modifica a responsabilidade climática, nem a responsabilidade requerida para enfrentar a perda da natureza, espécies e ecossistemas. É prioritário vincular os planos econômicos de recuperação com as Estratégias de Longo Prazo de “Emissões Líquidas Zero”, acelerando a transição energética, as soluções baseadas na natureza e o desenvolvimento de uma sociedade resiliente e dentro dos limites do planeta.

5. **Colocar o desenvolvimento da tecnologia a serviço das soluções** e moldada pelos princípios democráticos, o respeito aos direitos humanos e o direito à privacidade da informação.
6. **Revisão do papel do Estado e da governança** em todos os níveis, assegurando o fortalecimento das instituições democráticas e republicanas.
7. **Desenvolver novos modelos de negócios que integrem objetivos econômicos, ambientais e sociais.** No renascimento de uma nova economia que anseie ser sustentável, o papel do setor empresarial é fundamental. A existência de milhares de empresas que se propõem a redefinir o sentido de sucesso em seus negócios, integrando objetivos ambientais e sociais a suas atividades econômicas, é um sinal de que é possível caminhar em direção à uma economia circular onde não haja sobras. É hora de investir definitivamente na engenhosidade humana e nas tecnologias de regeneração, onde a empresa contribua com o seu capital financeiro e humano, consciente de sua enorme capacidade e responsabilidade de geral ao mesmo tempo rendas sociais, ambientais e bem-estar econômico.

**Em 2019, mobilizações globais convocaram milhares de pessoas que pediram mudanças substantivas no nosso sistema de vida. O que estamos vivendo nesta crise global pandêmica, demonstra que sim, é possível realizar mudanças estruturais. O mundo não será igual quando sairmos desta pandemia. Confiamos na capacidade e sensibilidade das gerações atuais e futuras em criar condições para alcançar um futuro comum radicalmente diferente, no qual a espécie humana assuma sua responsabilidade de cuidado com a natureza e dos nossos semelhantes a partir do conhecimento científico das leis naturais, da nossa capacidade criadora e do privilégio de viver em um planeta capaz de gerar e regenerar seus sistemas de vida.**

**Por um futuro sustentável, em 27 de maio 2020, subscrevemo-nos:**